

DESAFIANDO ESTIGMAS E PRECONCEITOS: EXPLORANDO A EXPERIÊNCIA DOS GRUPOS DE OUVIDORES DE VOZES NA SAÚDE MENTAL

Juliana Gabrielle Chaves de Oliveira¹

RESUMO: O fenômeno milenar de ouvir vozes tem sido alvo de diversas interpretações ao longo da história da humanidade. Contudo, na contemporaneidade, ele é frequentemente associado a transtornos mentais, o que acarreta em estigmatização para aqueles que o vivenciam, com isso, o presente artigo de conclusão de pós-graduação busca investigar a percepção de vozes na ausência de estímulos sonoros externos, explorando suas interpretações culturais e sociais e sua relação com a saúde mental, com o objetivo de desvincular o fenômeno da estigmatização patológica. Foi adotada uma abordagem metodológica de pesquisa exploratória de natureza qualitativa, utilizando revisão bibliográfica para embasar o referencial teórico e método dedutivo para análise e interpretação dos dados. Os resultados indicam que grupos de ouvintes de vozes podem auxiliar na restauração da qualidade de vida, promovendo autonomia e oferecendo um espaço livre de estigmas, o que contribui para o bem-estar mental do indivíduo.

Palavras-chave: Estigma. Loucura. Patologia. Saúde. Vozes.

ABSTRACT: The ancient phenomenon of hearing voices has been the subject of different interpretations throughout the history of humanity. However, in contemporary times, it is often associated with mental disorders, which leads to stigmatization for those who experience it. Therefore, this postgraduate conclusion article seeks to investigate the perception of voices in the absence of external sound stimuli, exploring its cultural and social interpretations and its relationship with mental health, with the aim of delinking the phenomenon from pathological stigmatization. An exploratory research methodological approach of a qualitative nature was adopted, using a bibliographic review to support the theoretical framework and deductive method for data analysis and interpretation. The results indicate that groups of voice hearers can help restore quality of life, promoting autonomy and offering a space free from stigma, which contributes to the individual's mental well-being.

Keywords: Stigma. Crazy. Pathology. Health. Voices.

1 INTRODUÇÃO

A percepção de vozes sem a presença de estímulos sonoros externos tem sido historicamente associada a distúrbios psicológicos e neuropsiquiátricos, suscitando interpretações pejorativas e estigmatizantes. Com isso, têm-se que essa experiência comumente conhecida como alucinação auditiva, frequentemente é percebida pela

¹Psicóloga (CRP 19/5101) pela Universidade Tiradentes (UNIT).

sociedade como um indicativo de insanidade ou desequilíbrio mental, assim, na conjuntura da psiquiatria tradicional, essas tem sido categorizadas como sintomas característicos de esquizofrenia, transtorno bipolar, transtorno de personalidade borderline e entre outras doenças mentais que afetam a percepção da realidade e a capacidade de socialização.

Não obstante a intrínseca associação realizada pela comunidade leiga entre ouvir vozes e a esquizofrenia, ora a qual pode ser atribuída a prevalência significativa de alucinação auditivas entre os indivíduos diagnosticados com os mencionados transtornos, faz-se necessário reconhecer que a experiência de ouvir vozes não é estrita de doenças mentais, visto que pode vir a ocorrer em uma ampla gama de contextos clínicos e não clínicos. Desse modo, faz-se inerente a temática a elucidação acerca da interpretação cultural e social dessas experiências sem que tal fenômeno seja intimamente interligado a algo patológico.

Diante do contexto elucidado, o presente artigo possui como objetivo geral investigar a percepção de vozes na ausência de estímulos sonoros externos, explorando suas interpretações culturais e sociais, além de sua relação com a saúde mental, com o intuito de desvincular o fenômeno da estigmatização patológica. Para que o objetivo geral lугre êxito, foram interpostos objetivos específicos, sendo esses: a) Analisar a literatura existente sobre a percepção de vozes, destacando suas manifestações em diferentes contextos culturais e sociais; b) descrever as crenças e interpretações populares em torno da percepção de vozes, buscando compreender como essas experiências são percebidas e interpretadas pela sociedade; c) Identificar as principais causas e fatores associados à percepção de vozes, considerando tanto aspectos clínicos quanto contextuais, como história pessoal, trauma e influências culturais; d) Apresentar as existentes abordagens terapêuticas mais inclusiva e contextualizada em relação à percepção de vozes, visando promover uma compreensão mais ampla e uma redução do estigma associado a essas experiências.

O artigo parte da problemática de que apesar da forte associação feita pela comunidade leiga entre a percepção de vozes e patologias mentais, há uma necessidade premente de compreender que esta experiência não está exclusivamente ligada a doenças mentais, podendo manifestar-se em uma ampla gama de contextos clínicos e não clínicos. Portanto, pretende-se comprovar a hipótese de que a interpretação das alucinações auditivas como indicativas exclusivas de doença mental é limitada, e que a compreensão

contextualizada dessas experiências pode revelar uma diversidade de significados e causas subjacentes.

O trabalho se justifica em face da compreensão de percepção de vozes não apenas possuir o efeito de desfazer estigmas injustos, mas também para promover uma compreensão mais abrangente das experiências humanas e de sua relação com a saúde mental, com isso, um entendimento mais profundo desses fenômenos pode levar a abordagens terapêuticas mais eficazes e inclusivas, que considerem não apenas os aspectos clínicos, mas também os contextos culturais e sociais dos indivíduos afetados.

Nesse íterim, o artigo se trata de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, o qual se utilizou da revisão bibliográfica para compor a fundamentação teórica e do método dedutivo para a interpretar e apresentar na seção de desenvolvimento.

2 VOZES NA HISTÓRIA – O ESTIGMA DA TENUIDADE COM A LOUCURA

Na atualidade, principalmente na cultura ocidental, têm-se demasiados estigmas associados a ouvir vozes, contudo, ao verificar a história da civilização, pode-se identificar que esse contexto nem sempre foi a da associação de patologias ao fenômeno supramencionado. Desse modo, o presente capítulo possui como objetivo realizar uma investigação acerca da interpretação do fenômeno de ouvir vozes através dos séculos, sob o ímpeto de compreender em qual época se deu a origem da estigmatização dessa experiência compartilhada por cidadãos de todo o mundo.

Preliminarmente, têm-se registros da Grécia Antiga acerca de indivíduos ouvidores de vozes, sendo essa habilidade tida como uma dádiva, pois era através desta que se dava o funcionamento dos oráculos, assim, àqueles que podiam ouvir vozes, eram considerados contatos diretos com os deuses e, por isso, recebiam status de sábios (Correa, Araújo, Puchivailo, 2021). Com isso, pode-se compreender que à época, os sábios não eram os que possuíam maior bagagem de consumo de conteúdo, experiências ou ainda habilidades, mas sim os homens que possuíam acesso ao desconhecido e as divindades, sendo esse potencial demonstrado pelo fenômeno de ouvir vozes (Pelbart, 1989).

Ouvidores de vozes também foram registrados entre demais povos, devendo-se citar egípcios, romanos e babilônicos, os quais empreendiam o sentido de proximidade com os Deuses o fenômeno, assim, as mensagens ouvidas eram caracterizadas como guias espirituais, sendo interpretada por sacerdotes (Fernandes; Zanello, 2018).

Ao que cerne a Idade Média, ouvir vozes era associado a possessão demoníaca, sendo essa crença influenciada pela obra de Tomás de Aquino, visto que esse foi o pioneiro na análise do conteúdo das vozes experienciadas pelos indivíduos (Egito, Silva, 2019). Nesse sentido, imperioso ainda é salientar que a depender do conteúdo interpretado, o fenômeno de ouvir vozes também era associado não apenas a possessão demoníaca, mas também a um sinal de santidade, ou seja, proximidade com Deus, assim como era atribuído na Grécia Antiga (Fernandes, 2018).

Acerca ainda a Idade Média, pode-se encontrar relatos sobre a loucura, contudo, sem a colocar como um de seus sintomas o fenômeno de ouvir vozes, visto que o dito “louco” era descrito como “[...] doente ignorado preso no interior da rede rigorosa de significações religiosas e mágicas” (Foucault, 1984, p. 74). Nesses termos, percebe-se que a patologia mental não era atribuída ao possuído e, por conseguinte, não era concedido tal estigma aos ouvidores de vozes.

De acordo com Foucault (1978), durante o período da Renascença, observa-se uma relação ambivalente em relação à loucura, uma vez que a população da época apresenta curiosidade em relação a ela, pois havia a crença de que a “loucura” poderia revelar verdades ocultas sobre o mundo. Contudo, em contrapartida, simultaneamente a esse movimento, havia uma desvalorização da loucura pois essa era vista como uma manifestação de baixa moral e, por esse motivo, preferível era afastar esses indivíduos da sociedade através do incentivo a estes transitarem entre cidades para se manterem isolados a demoreio do chamado “Nau dos Loucos”, ora um navio com este intuito.

Com a chegada do século XVII, o laço entre a loucura e a exclusão social se estreitou, pois foram criadas instituições destinadas à internação de grupos marginalizados, sendo esses os loucos, transgressores de leis, desempregados, mendigos, inválidos, portadores de doenças, libertinos, alquimistas e ainda eclesiásticos infratores (Egito, Silva, 2019). No século XVIII essas casas de internação passaram não mais a abrigar demais grupos, sendo exclusivo para os ditos ‘loucos’, ora indivíduos classificados como tal por razão de disfuncionalidade ou baixa moral (Foucault, 1978).

A rotularização da loucura adveio do avanço da ciência, assim como pelo estudo das doenças mentais, a qual logrou progresso ao descobrir o cotidiano de alucinações em determinados indivíduos (Fernandes; Zanello, 2018). Com isso, o fenômeno de ouvir vozes também sofreu com mudanças de interpretação durante o mencionado período,

pois seu caráter foi afastado do sacro e analisado através da abordagem biologicista, essa que considerava como um sintoma de patologias mentais (Oda; Dalgarrondo, 2004).

Fernandes e Argile (2018) dissertam que com o surgimento da matéria e ciência da psiquiatria, houve um movimento pela exclusão dos indivíduos considerados loucos, pois esses apresentavam comportamentos disruptivos e aversos a previsibilidade. Nesse ínterim, diante de um contexto histórico do processo da urbanização, houve uma manutenção da ordem social, sendo corolário o afastamento daqueles que não integrassem a normas e apresentassem características adversas, a exemplo da habilidade de ouvir vozes.

3 OUVIDORES DE VOZES NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, busca-se, preliminarmente, qualificar a experiência de ouvir vozes, oferecendo uma compreensão mais profunda e contextualizada desse fenômeno, assim, para isso, serão apresentados recortes de relatos fornecidos por indivíduos que possuem essa habilidade, permitindo uma imersão nas nuances e complexidades dessa experiência subjetiva. Através desses relatos, espera-se apresentar sobre as diferentes formas em que a percepção de vozes se manifesta, os contextos em que ocorre e os impactos que pode ter na vida das pessoas envolvidas.

1680

Adiante, serão atribuídas considerações acerca dos grupos de ouvidores de vozes e as estratégias de acolhimento utilizada por estes, apresentando as benesses das estratégias próprias e os seus resultados para a saúde mental desses indivíduos.

3.1 A EXPERIÊNCIA DE OUVIR VOZES

Conforme apontado por Baker (2016), a experiência de ouvir vozes geralmente é encarada como um tabu, frequentemente associada a um sintoma de algum transtorno mental que deve ser reprimido, ou até mesmo interpretada como uma manifestação de possessão por espíritos malignos. Ocorre que, essa percepção negativa em torno da audição de vozes leva os indivíduos que a experimentam a ocultar essa vivência de seus círculos sociais, motivados pelo receio de serem julgados e estigmatizados, sendo essa atitude contribuinte para tornar a experiência de ouvir vozes socialmente estigmatizante e indesejada, reforçando os obstáculos enfrentados pelos ouvintes no que diz respeito ao compartilhamento aberto de suas vivências.

De acordo com Barros e Serpa Jr (2014), os quais são profissionais da psicologia que trabalham com grupos de ouvintes de vozes, esses salientam que há uma diversidade de manifestações das vozes que as pessoas escutam, desse modo, alguns indivíduos podem ouvir múltiplas vozes, enquanto outros apenas uma ou duas. Ademais, as vozes podem ainda ser de desconhecidos, conhecidos ou ainda se assemelharem a um ruído contínuo.

Kantorski, Andrade e Cardano (2018) relatam que parcela majoritária dos indivíduos que recebem o fenômeno de ouvir vozes sentem medo na primeira vez, sendo essa decorrente da ausência de controle sobre a mensagem que é falada, bem como relatam que o estímulo auditivo é demasiadamente penetrante, assim, assusta ao acometer. Em complementação, válido é apontar dissertações de Egito e Silva (2019), o qual aponta que o medo, por muitas vezes, pode evoluir para um sentimento de raiva por não compreender o porquê de estar ouvindo mensagens, contudo, não obstante a parcela majoritária possuir medo da experiência, encontra-se relato de indivíduos que possuem boa relação com o fenômeno.

Algumas pessoas têm uma relação positiva com a experiência de ouvir vozes, outras se sentem submetidas de forma passiva e estão mais predispostas a desenvolver uma relação negativa com suas vozes. Smith (2007) afirma que 75% das pessoas diagnosticadas com esquizofrenia ouvem vozes e, para a maioria, a experiência é irrefutavelmente negativa. Porém, para Smith (2017), Baker (2015) e

1681

No que tange a categorização do ouvir como um sintoma de uma patologia mental, Romme e Escher (2009) apresentam que o fenômeno não está interligado a esquizofrenia ou demais patologias, havendo estudos que corroboram com essa afirmação que dispõe que 66% dos indivíduos possuem boa relação com a experiência (Intervoice Brasil, 2017).

Diante do medo de um possível diagnóstico ou ainda estigmatização social, muitas pessoas que ouvem vozes reprimem esse fenômeno, fato que pode, de fato, vir a desencadear uma ansiedade ou depressão (Smith, 2017).

Ao que concerne o conteúdo das vozes, de acordo com Smith (2017), essas podem preferir mensagens positivas, sacras ou ainda fazer ameaças de castigos em face de possível não obediência a seus comandos. Ademais, têm-se ainda relatos de vozes que insultam, fazem comentários sarcásticos ou censuram.

3.2 GRUPO DE OUVIDORES DE VOZES

Em face da ampla gama de experiências com a audição de vozes, desde as positivas e as negativas, foi realizada uma colaboração entre o psiquiatra holandês, Marius Romme, sua paciente, Patsy Hage, e a pesquisadora em psiquiatria social, Sandra Escher, na década de 1980, a fim de elaborar um espaço no qual pessoas pudessem compartilhar suas experiências livre de estigmas (Egito. Silva, 2019). Assim, a interação entre os participantes possuíam como escopo estabelecer estratégias de como lidar e estabelecer conexões significativas e positivas, visto que o fenômeno não era trabalhado como uma manifestação sintomatológica de uma patologia, mas sim como uma experiência natural dentro de suas individualidades de formas (Muñoz, 2009).

De acordo com Goulart (2018), os indivíduos que passaram longos períodos da vida ouvindo vozes e tiveram sua experiência associadas a um diagnóstico de transtorno mental, possuíam a tendência de se isolar socialmente e culturalmente e, por isso, o grupo adveio como uma estratégia de ofertar ajuda, apoio, informações, acolhimento e humanização da experiência, contribuindo de forma significativa para a melhoria na saúde mental e maior autonomia desses indivíduos.

Para Kantorski, Andrade e Cardano (2018), os grupos de ouvidores de vozes proporcionam um ambiente no qual as pessoas podem reinterpretar as experiências antes categorizadas como alucinatórias e, com isso, atribuir um novo significado, sendo essa abordagem motivadora de um processo de ajuda “inter pares”, uma vez que oferece em um sistema de apoio mútuo baseado em respeito, responsabilidade compartilhada e acordo. Desse modo, pode-se compreender que o método utilizado não segue os moldes psiquiátricos tradicionais ou ainda critérios diagnósticos, mas sim busca compreender empaticamente a situação do outro e ajudar através do compartilhamento de dores emocionais e psicológicas.

Nesse ínterim, Romme *et al.* (2009) estabelece que a abordagem psiquiátrica convencional, que tende a patologizar a experiência de ouvir vozes, esses grupos a inserem em um contexto mais amplo, reconhecendo-a como parte das diversas experiências subjetivas humanas, normalizando a experiência e oferecendo uma alternativa para que os participantes não se sintam marginalizados ou pressionados a recorrer a constante medicalização.

Válido é asseverar que esses grupos não são concebidos como terapia ou tratamento em si, embora possam complementar os serviços existentes, visto que a sua

função é de não reproduzir as práticas e diagnósticos dos serviços tradicionais de saúde mental (Goulart, 2018).

De acordo com o Intervoices Brasil (2017), os grupos de ouvidores de vozes possuem um facilitador, esse que é um agente com habilidades específicas para garantir o bom funcionamento do sistema de compartilhamento de experiências, uma vez que seu papel é de mediar as interações, estimular a discussão e dispersar o monopólio do compartilhamento. Assim, esse facilitador deve ser sempre compreensivo, evitar julgamentos, mitigar a reprodução de estigmas e ser solícito a resolução de problemáticas existentes entre os participantes.

Inicialmente, quando um indivíduo se mostra interessado em ingressar em um grupo de ouvidores, esse passa por uma espécie de triagem para investigar sobre as suas vozes, assim, a partir desse momento, requer a colaboração e confiança mútua entre o ouvinte de vozes e o facilitador para que esse possa auxiliar a lidar da melhor forma com o fenômeno. Durante a qualificada etapa, são identificadas características da experiência de ouvir, a exemplo da identidade da voz, como ela se comunica, teor de conteúdo, gatilhos de manifestação e possíveis conexões com eventos traumáticos (Intervoices Brasil, 2017).

1683

Decerto é que os primeiros contatos entre o ouvinte de vozes e o facilitador pode ser dificultoso e percebido como ameaçados, mas o trabalho dos mediadores é encorajar os ouvintes a refletir sobre as vozes e melhorar o seu relacionamento com o fenômeno (Romme; Escher, 2009). Assim, superando essa fase, são empregadas técnicas para ajudar aos ouvintes a lidar com essas experiências, estabelecendo relacionamentos positivos, incentivando o ouvinte a manter um diálogo com a voz, estabelecer um limite de contato e, com isso, influenciar a apreender uma melhor relação. Válido é atribuir que o facilitador não debate ou discorda das vozes, mas sim permite um livre espaço de emoções e expressões (Goulart, 2018).

Nesse ínterim, percebe-se que o grupo de ouvidores de vozes permite que haja um espaço para que seja tratada a relação de uma forma positiva, estabelecendo um espaço livre de estigmas e de estímulo a “cura” de traumas passados e relacionamentos tóxicos consigo mesmo, permitindo que o indivíduo possa ter mais autonomia e saúde mental para vivenciar demais experiências sem ter medo das mensagens negativas que pode vir a ouvir.

4 CONCLUSÃO

Findo o presente artigo, pode-se concluir que através dos séculos o fenômeno de ouvir vozes foi interpretado de diversas formas, sendo anterior ao período Renascentista, especialmente na cultura da Grécia Antiga, Roma, Egito e Babilônia, um significado de proximidade com os Deuses cultuados. Contudo, com o avanço do poder da Igreja Católica, assim como também estudos e publicações de obras de Tomás de Aquino, o fenômeno foi atribuído a algo maligno, a exemplo de possessões demoníacas.

Diante desse contexto, àquele que possuía a habilidade de ouvir vozes, há tempos, era interpretado sob um viés tênue entre algo sacro e a loucura, sendo a associação do fenômeno a patologias uma experiência moderna advinda do avanço dos estudos da psiquiatria e psicologia.

Ocorre que, após diversos estudos, bem como relatos de uma ampla gama de pessoas, o fenômeno passou a ser observado sobre uma nova ótica, sendo essa de empatia por aqueles que se viram estigmatizados e oprimidos em face do supramencionado fenômeno.

Com isso, a partir do presente estudo, pode-se lograr conclusões de que os grupos de ouvidores de vozes apresentam diversas benesses aos seus partícipes, visto que esse contribui, através da figura de um facilitador, para a autoaceitação, bem como entendimento da própria experiência desses ouvidores. Assim, o grupo oferta um espaço livre de estigmas, no qual os relatos são compartilhados mutuamente para que se possa ressignificar as dores sentidas pela audição dessas vozes.

1684

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BAKER, P. *Abordagem de Ouvir Vozes: Treinamento Brasil*. Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas São Paulo: **CENAT**, 2016.

CORREA, Gabriele Soares; ARAUJO, Kirsty Hellen Santos; PUNCHIVAILO, Mariana Cardoso. A POLISSEMIA DA VIVÊNCIA E DA SIGNIFICAÇÃO DO FENÔMENO DE OUVIR VOZES. **Caderno PAIC**, v. 22, n. 1, p. 599-622, 2021.

EGITO, Marco Aurélio Teles do; SILVA, Elisa Alves da. Grupo de ouvidores de vozes no enfretamento de estigmas e preconceitos. **Revista do NUFEN**, v. 11, n. 2, p. 60-76, 2019.

FERNANDES, Henrique Campagnollo Dávila; ZANELLO, Valeska. A topografia da alucinação auditiva como possibilidade de compreensão da linguagem da subjetividade. **Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 555-565, set./dez. 2018..

FERNANDES, Henrique Campagnollo Dávila; ZANELLO, Valeska. Hearing voices: From the Experience Qualification to the Possibility of Care. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 36, n. 3643, p. 1-11, out. 2020.

FERNANDES, Henrique Campagnollo Dávila; ZANELLO, Valeska. O grupo de ouvidores de vozes: dispositivo de cuidado em saúde mental. **Psicologia em Estudo**, Brasília, v. 23, e39076, p. 1-12, mar. 2018.

FERNANDES, Henrique Campagnollo Dávilla; ARGILES, Carmen Terezinha Leal. A experiência de ouvir vozes. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 8, n. esp., p.1-4, ago. 2018.

FERNANDES, Henrique Campagnollo Dávilla; ZANELLO, Valeska. Para além da alucinação auditiva como sintoma psiquiátrico. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 8, n. esp., p.1-19, out. 2018.

FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOULART, Marcia Alvira. **Movimento dos ouvidores de vozes: da Europa ao Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

1685

KANTORSKI, Luciane Prado, ANDRADE, Ana Paula Muller, CARDANO, Mario. **Estratégias, expertise e experiências de ouvir vozes: entrevista com Cristina Contini**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação (Outubro-Diciembre): [Fecha de consulta: 22 de mayo de 2018] Disponible en: ISSN 1414- 3283

MUÑOZ, Nuria. Na polifonia de uma orquestra: uma pesquisa clínica com grupos sobre a experiência alucinatória. In: **Anais do Colóquio Internacional sobre o Método Clínico**. São Paulo: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; 2009

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 128-141, jan./mar. 2004.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROMME, M.; ESCHER, S. **Hearing voices**. Schizophrenia Bulletin, v. 15, n. 2, p. 209-216, 1997.

ROMME, Marius et al. **Living with Voices: 50 Stories of Recovery**. Birmingham: PCCS Books. 2009.

SADE, Christian; BARROS, Leticia Maria Renault de; MELO, Jorge José Maciel and PASSOS, Eduardo. O uso da entrevista na pesquisa-intervenção participativa em saúde mental: o dispositivo GAM como entrevista coletiva. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2013, vol.18, n.10, pp.2813-2824.

SMITH, Daniel B. Você pode viver com as vozes em sua cabeça? **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, ano X, n. 2, jun/2007,p. 295-306. Tradução de Monica Seincman

THE INTERNATIONAL COMMUNITY FOR HEARING VOICES - INTERVOICE BRASIL. **Manual como montar um grupo de ouvidores de vozes**. São paulo. 2017.